INVESTIGAÇÃO EM/SOBRE ARTES VISUAIS: ARTISTA/PESQUISADOR/PROFESSOR

Robson Xavier da Costa – PPGAV UFPB/UFPE
Maria Betânia e Silva – PPGAV UFPE/UFPB

RESUMO

Neste artigo objetivamos refletir teoricamente sobre a construção de conhecimentos na pesquisa em/e sobre artes visuais, ressaltando a importância da a/r/tografia, método de pesquisa e ensino, desenvolvido pela equipe da Faculdade de Educação da *University of British Columbia*, Canadá e pouco aplicado no Brasil. Utilizamos como método a revisão bibliográfica e como base teórica as concepções de pesquisa de Dias (2010), Irwin (2008), Rey (2002) e Zamboni (1998).

PALAVRAS - CHAVE: Artografia. Pesquisa. Artes Visuais. Investigação.

ABTRACT

In this article we aim to reflect theoretically on the construction of knowledge in research and on visual arts, emphasizing the importance of the a/r/tography, research and teaching method developed by the School of Education at the University of Bristh Columbia, Canada and some staff applied in Brazil. Method used is a literature review and theoretical base conceptions of research Dias (2010), Irwin (2008), Rey (2002) and Zamboni (1998).

KEYWORDS: Artography. Search. Visual Arts. Research.

1. Aproximando o conhecimento científico/artístico

Todo conhecimento é científico? Toda pesquisa é científica? Esses questionamentos promovem um debate caloroso e contribuem para refletir sobre as diferenças existentes entre os mais diversos tipos de conhecimento e de pesquisa. Porém, nos levam também a investigar sobre a configuração do campo científico no decorrer da história. Quais são suas características? Que mudanças ocorrem ao longo do tempo que estimulam seu desenvolvimento? As diferentes áreas do conhecimento científico percorrem os mesmos caminhos? E o campo da arte como se situa nesse meio?

Derivado do latim o termo *scientia* significa conhecimento, mas não qualquer conhecimento. A ciência é o conhecimento sistematizado que resulta de determinados métodos que podem ser comprovados. Isso quer dizer que o conhecimento científico para receber o aval como tal precisa utilizar processos metodológicos que o possam comprovar, pelo menos, esse foi um entendimento que se estendeu até a modernidade e que ainda convive na pós-modernidade. Embora, a pós-modernidade inclua aspectos antes impensáveis e aceitos no meio científico, como por exemplo, a intuição, a afetividade e questões metafísicas, o desenvolvimento de pesquisas não deixou de pressupor a necessidade primordial de um aspecto. Chegamos, então, ao ponto central: o método! O método é um elemento fundamental para o desenvolvimento de uma pesquisa que se pretende denominar científica.

Historicamente, para o ocidente, o germe de constituição da ciência pode ser identificado na Grécia antiga e dois exemplos podem ilustrar essa afirmação. Euclides (grego, 360-295 a. C.) quando reuniu e apresentou de forma organizada as descobertas mais relevantes, até então, no campo da geometria e Aristóteles (grego, 384-322 a. C.), no campo da física, que classificou os corpos em pesados e leves e o movimento entendido, por ele, como a passagem da potência ao ato (LUDWIG, 2009).

Ao longo da Idade Média observa-se a presença de um diálogo entre diferentes saberes que compunham o currículo. Assim, o *trivium* (gramática, retórica e dialética) e o *quadrivium* (aritmética, geometria, astronomia e música) eram considerados os saberes por excelência a serem veiculados no campo da Educação.

Na Renascença o londrino Francis Bacon (1561-1626) propôs a criação da Casa de Salomão, espaço destinado ao trabalho dos sábios. Esse lugar era um centro de estudos interdisciplinar que seria o suporte do futuro bem estar social, ou seja, estaria à serviço da humanidade. Para Bacon, considerado o pai da ciência moderna, o conhecimento científico tem por finalidade servir o homem e dar-lhe poder sobre a natureza. É a ele atribuída a frase “conhecimento é poder”.

No pensamento pré-moderno, até o século XVI, ressalta-se o equilíbrio na natureza e na vida em sociedade, a harmonia do universo centrado na terra, a subjugação da razão ao pensamento mágico, às superstições e à religião. É no século subsequente, o XVII, onde se dá o marco histórico do nascimento da ciência que ocorre com o declínio da cultura medieval que favorece a Reforma protestante, a invenção da Imprensa, o próprio Renascimento e a separação entre a Teologia e a Filosofia. Esse marco histórico passa a ser compreendido como o pensamento moderno (LUDWIG, 2009).

Destacando a importância da invenção da imprensa é ela quem vai proporcionar o crescimento da difusão do conhecimento. Da mesma forma, o Renascimento se destaca como um movimento renovador em muitos aspectos: no campo artístico; na descoberta do giro da terra em torno do sol; a lei da dinâmica dos planetas; a criação da anatomia; a concepção de circulação do sangue no organismo, entre outros.

O século das luzes, o XVIII, também chamado de Iluminismo apresentou-se hostil a toda manifestação de atos de fé religiosa e apego à revelação sobrenatural. Isto porque seu fundamento passou a ser centrado na razão humana. Pois, naquele momento se tinha a certeza que a atividade racional seria capaz de resolver todos os problemas humanos, garantir o progresso, a realização individual e trazer benefícios materiais a todos.

A Revolução Francesa, então, torna-se o palco de concretização daquelas ideias. Com a classe burguesa em ascendência o poder é retirado da nobreza e do clero, se abole o ensino religioso das escolas com a pretensão na formação de pessoas racionais, livres de dogmas, pensamentos mágicos e supersticiosos.

Ludwig (2009) aborda que aquele período da história marcado pelo racionalismo, enquanto instrumento de obtenção do saber, dispensa o argumento da autoridade, a aceitação de crenças e a revelação divina. Pretendia-se, nessa direção, aceitar somente verdades resultantes das investigações da razão através de procedimentos demonstrativos que exigiam o emprego do método científico. Mas, de onde vem esse método?

É dado a Francis Bacon o crédito de ter estabelecido as regras do método científico que foi intitulado *método experimental.* Esse método tem como pressuposto básico o tripé da observação dos fatos, a proposição da hipótese e a verificação através das experiências planejadas. Ele, o método, foi primeiro utilizado nas ciências da natureza também chamadas ciências naturais, ou seja, aquelas que estudam o universo, entendido como regulado por regras ou leis de origem natural, centrando-se nos aspectos físicos e não humanos.

Mais tarde o francês Auguste Comte (1798-1857) funda a Sociologia e o Positivismo que defende a ideia de que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro. A teoria da ciência de Comte propõe três estados do saber: o teológico, o metafísico e o positivo. Para ele o saber positivo é o único que confere valorização à observação dos fatos, a busca das relações entre os fenômenos e a renúncia em procurar a origem do universo e essência das coisas. Logo, o saber positivo rejeita as questões metafísicas e seu conhecimento, a validade da intuição, qualquer tipo de conhecimento que não seja relacionado à ligação entre os fatos. É atribuída a Comte a frase “tudo é relativo, eis o único princípio absoluto”.

Mais a frente os filósofos vão propor o uso comum do *método experimental* tanto nas ciências da natureza, quanto nas sociais e humanas. Foi ele quem possibilitou o desenvolvimento de maneira rápida e consistente da ciência.

As exigências do processo produtivo, com o desenvolvimento industrial, impulsionaram o crescimento veloz de diferentes áreas como a metalurgia, a fabricação de corantes, a produção têxtil e também farmacêutica. Mas, a inexistência de instrumentos mais adequados de investigação foi um dos fatores que dificultou o trabalho dos estudiosos, visto que o olho humano não conseguia captar detalhes mais aprofundados. Essa dificuldade impulsionou a criação de novos instrumentos como, por exemplo, o microscópio e o telescópio que, ao longo do tempo, foram sendo aperfeiçoados para se observar com mais precisão.

Com o uso do *método experimental* as ciências da natureza se desenvolveram velozmente e eram reconhecidas, validadas e legitimadas como

conhecimento científico recebendo reconhecimento e respeito acadêmico, político e social.

No entanto, também as ciências sociais e humanas almejavam o reconhecimento, a validade e legitimação científica. Mas, para serem reconhecidas como tal precisavam do uso de um método e por isso sofreram influência das ciências da natureza pelo uso do *método experimental, pois*, seria ele um elemento essencial para assegurar seu lugar de destaque e status que o termo científico conferia às ciências naturais.

Porém, com o passar do tempo os investigadores daquelas áreas passaram a identificar as limitações da metodologia adotada porque seu objeto de investigação era o ser humano e não os aspectos físicos e naturais próprios das ciências naturais. A objetividade, entretanto, raramente, podia ser considerada. Observaram que o isolamento de variáveis nos experimentos é muito difícil porque os fenômenos sociais são muito complexos e dinâmicos (LUDWIG, 2009).

Essa identificação da inadequação do *método experimental* fez surgir uma série de novos métodos que passaram a ser utilizados nos campos das ciências sociais e humanas. Um deles foi o *método dialético.* Seus principais formuladores foram os alemães Georg Hegel (1770-1831) e Karl Marx (1818-1883). As regras desse método se estruturam na reconstrução do fenômeno, na identificação de seus determinantes particulares e recorrentes, no reconhecimento dos fatos por meio de categorias analíticas.

Com o decorrer do tempo e o desenvolvimento dos estudos nesses campos, observou-se que mesmo o *método dialético* não era suficiente para investigar e compreender os aspectos relativos às especificidades que se pretendia estudar. Então, mais dois alemães estruturaram o *método fenomenológico.* Martin Heidegger (1889-1976) e Edmund Husserl (1859-1938). Para eles as realidades objetivas e subjetivas são indissociáveis e todas as coisas são dotadas de uma aparência e uma essência. Heidegger vai apresentar a concepção de verdade como desvelamento, ou seja, algo que estava oculto se nos revela. Husserl apresenta as ideias e as coisas como indissoluvelmente ligadas entre si constituindo um único

fenômeno. Isso quer dizer que as ideias só existem porque dizem respeito às coisas que estão no mundo.

No campo da antropologia Lévi-Strauss (belga, 1908-2009) se apresenta como o principal expoente de outra perspectiva metodológica para os estudos científicos. Trata-se do *método estrutural.* Esse método é centrado na concepção de estrutura que pode ser entendida como um conjunto de elementos em interação, onde a alteração em um deles provoca interferências em todo o conjunto (LUDWIG, 2009).

Ainda destacamos o *método funcionalista,* no campo da sociologia, desenvolvido pelo francês Émile Durkheim (1858-1917) que compreende cada sociedade como um sistema, cujos componentes tendem a mantê-la coesa. Ou seja, identificar os motivos responsáveis pela sua organização e descobrir os papéis sociais que proporcionam as articulações que se manifestam nela são os objetivos principais desse método.

O campo das ciências exatas se distingue das anteriores tratadas visto que essas não possuem definições empíricas, mas possuem como pressuposto básico um sentido operatório.

No século XX assistimos a organização da produção científica que se classifica nos *métodos qualitativos e quantitativos.* Os métodos qualitativos podem observar, diretamente, como cada indivíduo, grupo ou instituição experimenta, concretamente, a realidade pesquisada. Por meio deles procura-se compreender *como e por que* os fenômenos se desenvolvem; as *representações* que se fazem dos fenômenos e *como se dão as práticas* relacionadas aos fenômenos (DESLAURIERS, 2008; GROUX, 2008).

Os *métodos quantitativos* pressupõem uma população de objetos de estudo comparáveis que fornecerá dados que podem ser generalizáveis. São consideradas pesquisas panorâmicas. Os estudos que utilizam esses métodos procuram compreender fenômenos como “o que, onde, quem, quando” estatisticamente, envolvendo um grande número de sujeitos para medir e quantificar a questão proposta. Buscam a regularidade estatística.

Embora se observe, no decorrer da história, que a inadequação força a produção e invenção de novos métodos que precisam ser testados para receber o aval da ciência, ainda na contemporaneidade, continuamos na busca de outros métodos que correspondam de forma mais adequada às necessidades investigativas de pesquisas e estudos contemporâneos que almejam o reconhecimento, a validade e a legitimação científica de áreas de conhecimento extremamente jovens que se encontram em processo de solidificação como, por exemplo, o campo da arte.

O campo da arte, no caso brasileiro, inicia seu processo de reconhecimento, validade e legitimação, como área de conhecimento científico, na década de 80 do século XX quando se dá o reconhecimento da mesma no Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq). Portanto, é uma área extremamente jovem atingindo seus 30 anos no ano de 2014.

No entanto, após o reconhecimento como área científica, era fundamental a existência de um conjunto de critérios que a organizasse, pois se tornava evidente aos estudiosos do campo que os critérios de outros campos de conhecimento não eram adequados para julgar as pesquisa em artes.

A dificuldade em definir com eficácia o que era, realmente, pesquisa em arte veio à tona e várias questões foram levantadas na criação da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP) também na década de 1980. Os pesquisadores, então, deram início à organização de comitês que representassem as áreas de pesquisa no campo da arte. Assim, ficaram definidos história e teoria da arte; arte-educação; restauração; curadoria e linguagens visuais (ZAMBONI, 1998).

Seriam os métodos utilizados nas outras ciências adequados para as pesquisas em arte? Assim, como as outras ciências para serem legitimadas como tal passaram a utilizar, incorporar e adequar os métodos, até então, criados, estruturados, elaborados para desenvolver seus estudos e investigações, o campo científico da arte iniciou seu percurso na mesma direção.

Desse modo, o *método experimental, o dialético, o fenomenológico, o estrutural, o funcionalista* contribuíram e contribuem para pensar, investigar e desenvolver estudos científicos em arte. Porém, na medida em que os estudos

avançam e as especificidades da área se tornam cada vez mais evidentes surge a necessidade de produção de novos métodos que contribuam para a abertura de outras e novas possibilidades de investigação científica em arte.

É possível observar a grande contribuição das mais diversas áreas de conhecimento para as pesquisas em arte. Isso porque os saberes estão interligados, são produzidos e aprimorados pelo mesmo cérebro humano.

Embora a área científica de arte, no Brasil, seja muito jovem é possível observar que nesses trinta anos de existência nasceram 50 Programas de Pós-Graduação que se distribuem pelo país e que se organizam em 24 Programas com Mestrado e Doutorado, 22 Programas com Mestrado Acadêmico e 4 Programas com Mestrado Profissional, conforme a última avaliação divulgada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES, 2014).

Se bem observarmos, uma pesquisa implica o preenchimento de três requisitos básicos: a existência de uma pergunta que se deseja responder; um conjunto de passos que permitam obter a informação para respondê-la; a indicação do grau de confiabilidade na resposta obtida. Em síntese, permanecemos com a forte presença e influência do *método experimental,* representante inicial da ciência moderna.

2. O Conhecimento em e sobre artes visuais

O conhecimento é fruto do processo de reflexão e desvelamento do objeto pesquisado, do enfrentamento do ser humano diante do mundo, esse conhecimento está eivado dos valores sociais vigentes em cada período histórico, e é concebido a partir de determinados critérios e procedimentos.

O conhecimento científico está fortemente fundamentado na concepção de Descartes (1596-1690), cujo método provocou uma ruptura de paradigma em relação aos métodos anteriores. Sua teoria tem como foco a razão absoluta, evidenciando quatro esferas do conhecimento: a evidência, a divisão, a ordem e a mensuração. Descartes utilizava os seguintes princípios: o verdadeiro é claro, objetivo e distinto; deve-se dividir o conhecimento complexo em parcelas para que seja possível a compreensão do todo; a ordem é essencial para a construção do

saber científico; os dados devem ser mensuráveis para que o conhecimento possa ser testado e replicado.

Outros cientistas como Galileu Galilei (1564-1642) aplicou a matemática para a compreensão da física e Isaac Newton (1642-1727) combinou o método empírico/indutivo de Bacon, com o método racional/dedutivo de Descartes. O conhecimento científico ainda era sustentado pela racionalização e o mundo visto como uma grande engrenagem, uma máquina onde tudo é divisível, desta maneira, o conhecimento humano foi dividido por áreas e especializações.

Se o pensamento científico ocidental durante muitas décadas tendeu a ser rígido, linear, analítico e racional e ter como funções dominantes os atos de dividir, medir e classificar, o conhecimento gerado a partir desses métodos sempre era fragmentado. Se contrapondo a essa maneira de abordar o conhecimento científico alguns pesquisadores tais como Fritjof Capra (1939 -) e Carl Gustav Jung (1875-1961) passaram a se inspirar nos métodos orientais para desenvolver suas pesquisas, valorizando a partir de então a intuição e a sensibilização como elementos importantes para a construção do conhecimento.

Para esses autores o racional e o intuitivo são elementos complementares para a compreensão do mundo pelo ser humano, o conhecimento é integral e não pode ser fragmentado. A mudança de paradigma relativa ao conhecimento científico torna as relações entre áreas permeáveis, os contornos das disciplinas e especializações começam a borrar-se; para conhecer é necessário aplicar uma postura multidisciplinar, o objeto faz parte de um ecossistema complexo, que permeia variadas disciplinas, e pode ser abordado por meio de diversos olhares e pontos de vista, respeitar essa complexidade é fundamental para conhecer a totalidade das coisas.

O conhecimento artístico não é científico, porém, pode ser abordado por meio de métodos científicos, a arte não contradiz a ciência, apenas esclarece alguns aspectos que ela não consegue explicar, já que a educação do olhar e dos sentidos é capaz de ampliar a percepção de mundo, a arte é uma forma de conhecer o mundo.

No conhecimento artístico procuramos conhecer uma particularidade, ela é não generalizante, embora possa ser aplicado a outros contextos, enquanto o conhecimento científico procura a generalização, a aplicação de leis gerais que possam ser aplicadas em outros contextos. Tanto a arte como a ciência são faces da mesma moeda, ambas procuram a compreensão do mundo e podem ser complementares.

As artes visuais produzem conhecimentos específicos sobre o mundo que exigem métodos eficazes para sua compreensão, a arte é sentida e vivenciada, nesse contexto a intuição é fundamental, porém não pode ser o único caminho para o pesquisador das artes visuais compreender seu objeto, a racionalização é necessária para que o conhecimento artístico possa ser sistematizado e se obtenha resultados da investigação.

2.1 A dimensão da pesquisa em artes visuais

> A criação, na realidade, é um ordenamento, é selecionar, relacionar e integrar elementos que a princípio pareciam impossíveis. No início, parece que algo paira no ar de forma vaga, solta, sem se ter um domínio efetivo do evento, de repente algo aflora, e se torna mais claro, e quanto mais o cientista ou o artista trabalhar a questão, mais clara e elaborada se tornará (ZAMBONI, 2001, p. 29-30).

O pesquisador em artes visuais transita sempre entre o conceitual e o sensível, entre a teoria e a prática, entre o concreto e o onírico. Uma pesquisa em artes visuais pode articular a produção imagética com a produção textual, ambas tem a mesma importância a produção e a reflexão sobre ela fazem parte da mesma pesquisa. A pesquisa em artes visuais pode buscar o mesmo rigor de análise que outros tipos de pesquisas, que permita associa-la a categoria de pesquisa, sem perder a perspectiva da poética estudada. Para tanto a articulação entre o projeto artístico e a execução da pesquisa é o ponto de partida para que uma investigação em e sobre artes visuais seja sistematizada adequadamente.

No contexto da arte contemporânea espera-se que os artistas sejam teóricos da sua própria produção poética. A formação acadêmica é essencial para que os artistas possam desenvolver um pensamento crítico e sistemático, para que sejam pesquisadores sobre a própria poética e a de outros artistas. Embora subjetiva, a produção artística vincula-se contextos objetivos, questões históricas, sociais, conceituais, etc. que podem ser analisadas teoricamente. Para tanto o método de

investigação é essencial, evidenciando que para construirmos conhecimentos em artes visuais necessitamos de instrumentos e procedimentos teóricos que auxiliem o pesquisador/artista/professor a compreender a produção simbólica.

O pesquisador/artista/professor trabalha com o paradoxo subjetividade/objetividade, a própria prática artística exige do produtor um método, um processo, um objetivo para chegar a um resultado. A abordagem poética é em si mesma uma pesquisa.

> (...) percebo que um dos significados de método, talvez o mais importante, é o de caminho: "caminho pelo qual se atinge um objetivo", nos diz o dicionário. [...] O caminho está indissoluvelmente ligado ao caminhante e a seu andar. Resumindo: os caminhos em questão se fazem à medida que caminhamos. Daí a dificuldade de traçá-los inteiramente a priori, sem que esse trajeto inicial não seja revisto, alterado, modificado a todo instante (FERVENZA, 2002, p.67).

Sandra Rey (2002) fala de "conceitos operatórios" para a pesquisa em artes visuais, cada procedimento artístico implica o estabelecimento de um conceito sobre o processo expressivo, ao analisar a obra o pesquisador/artista/professor, cria novos sentidos, amplia a percepção e a compreensão sobre a arte. Segundo a autora para concretizar a ação da pesquisa em artes visuais é necessário que o pesquisador/artista/professor verbalize suas ideias, crie estratégias, esteja atento as ambiguidades, utilize instrumentos para a pesquisa; conceitualize; faça análises comparativas; redija pequenos ensaios ao longo do processo; apresente suas ideias com clareza; possa expressar-se com propriedade e apresente os resultados de forma criativa.

Na pesquisa em artes visuais a análise e os questionamentos precisam estar vinculados com o desenvolvimento da sensibilidade do olhar e com a fundamentação teórica sobre o processo criativo. É fundamental que o pesquisador/artista/professor busque uma metodologia que favoreça a expressão do processo criativo mediado pela postura de pesquisador, as variáveis devem ser mensuradas e analisadas visando atingir um fim do processo de pesquisa. Nessa modalidade de pesquisa o objeto vai se desvelando aos poucos, na medida em que o processo de investigação vai sendo consolidado, as hipóteses podem ser revistas, o percurso deve ser ressaltado.

2.2 A investigação como artista/pesquisador/professor

As primeiras áreas de conhecimento a utilizar a imagem das artes visuais como fonte para pesquisa são aqueles ligados aos chamados estudos culturais, áreas como as ciências sociais, a antropologia, a história cultural, a história da arte, a psicologia e a educação. Em todos esses campos a imagem da arte tem sido historicamente encarada como uma fonte documental para a pesquisa, geralmente, uma fonte complementar aos documentos escritos e orais, considerados mais significativos. Apenas muito recentemente a imagem da arte tem sido utilizada como fonte válida para pesquisa dentro dos estudos culturais.

No campo da educação, um dos pressupostos do pensamento sobre a experiência estética em arte, enquanto investigação pode ser atribuída às ideias de John Dewey sobre a importância do processo de produção de conhecimentos em arte. Esse é um pressuposto reforçado a partir das pesquisas de Fernando Hernández, professor da Escola de Belas Artes da Universidade de Barcelona, que defende a utilização do portfólio e da pedagogia de projetos como meio para a pesquisa sobre artes visuais, a partir do método chamado *Investigación basada en las artes* (IBA) proposto pelo autor, na década de 1980 do século XX, ligado às pesquisas sobre cultura visual, fundamentando-se na área de ciências humanas e sociais (estudos culturais), adaptadas a relação entre artes e educação.

Outro tipo de investigação contemporânea em artes visuais configura-se com a A/r/tografia, (uma derivação do termo *artist-researcher-teacher, traduzido como:* artista-pesquisador-professor e grafia referente à escrita), uma metodologia de pesquisa e ensino de artes visuais, desenvolvida a partir dos estudos da Faculdade de Educação da *University of British Columbia* de Vancouver, Canadá. Este método foge dos processos convencionais de pesquisa, por aproximar a tríade teoria, prática e ensino como campos passíveis de diálogo e ao propor que o pesquisador utilize a imaginação, a incerteza, a introspecção, a dúvida e o erro como meios para a construção do conhecimento, nessa concepção a pesquisa sobre artes não é neutra e apesar das regras é flexível, adaptando-se aos campos dos saberes em que a arte é produzida, vivenciada e apreciada. Se a imagem é produto da percepção dos sujeitos humanos, refletindo a sociedade e a realidade multifacetada do mundo contemporâneo, ela representa essencialmente a relação das pessoas com seu

universo particular e coletivo. A a/r/tografia, também chamada pesquisa educacional baseada nas artes, agrupa pesquisas desenvolvidas a partir de diferentes manifestações artísticas, escritas, performances, artes visuais, visualidades, etc.

Segundo Dias (2010) nos últimos 15 anos a academia norte americana e europeia desenvolveu os métodos *arts-based forms of research* (ABR) e *arts-based educational research* (ABER), que enfatizam a cultura visual e buscam deslocar os métodos estabelecidos de se fazer pesquisa e produzir conhecimentos em artes e voltam-se para a incerteza, introspecção, ilusão, visualização, dinamismo e imaginação, esses métodos de pesquisa em artes visuais resgatam o processo de criação como possiblidade de construção de conhecimento, a artografia é uma forma de ABER originada pelos estudos de Eliiot Eisner na década de 1970 e 1980 nos EUA, quando buscava incluir a arte como campo de pesquisa; seu referencial teórico está fundamentado na fenomenologia, no estruturalismo e no pós-estruturalismo.

A a/r/tografia provoca o questionamento em permanente movimento, permitindo ao pesquisador manter um olhar investigativo a partir da sua *práxis* como artista/pesquisador/educador, tornando-se um pesquisador aprendente e gerando o desejo premente no aluno de investigar suas próprias práticas. Compreendendo um método de pesquisa híbrido, mestiço, fronteiriço, estando entre a pesquisa em artes visuais e a pesquisa sobre artes visuais, desenvolvidos a partir de seis conceitos (IRWIN e SPINGGAY, 2008): contiguidade, o respeito aos saberes como artista/pesquisador/professor; questionamento, ênfase nas práticas e relações vivenciadas; metáfora e metonímia, construção de novos significados interligados; aberturas, foco no estabelecimento de links entre esferas do conhecimento; reverberações, busca do movimento, do dinamismo e da busca de novos olhares; excesso, um olhar voltado para o que está fora de padrão.

Tanto na pesquisa em artes visuais como na pesquisa sobre artes visuais, os parâmetros científicos devem ser aplicados: definição do objeto, identificação do problema, definição teórica, levantamento de hipóteses, observação, pesquisa de campo, interpretação, tabulação, análise dos dados e apresentação dos resultados.

Na a/r/tografia saber, fazer e realizar se fundem. Eles se fundem e se dispersam criando uma linguagem mestiça híbrida. Linguagem das fronteiras da

auto-etnografia e de gêneros. A diferença fundamental é que na pesquisa sobre arte o pesquisador pode se debruçar sobre o objeto artístico, para realizar uma análise crítica sobre o mesmo, enquanto na pesquisa em artes visuais o pesquisador realiza a investigação a partir do seu próprio processo criativo apresentando como resultado tanto a análise escrita como a produção visual e na a/r/tografia o investigador é ao mesmo tempo artista/pesquisador/educador e deve observar seu objeto de investigação na interseção desses campos de conhecimento.

3. Considerações finais

Ao possibilitar o trânsito entre campos híbridos de conhecimento a a/r/tografia permite que o sujeito artista/pesquisador/educador possa se colocar por inteiro em sua investigação, eliminando, finalmente, a distinção presente na academia que separa entre áreas de investigação a história, teoria, crítica e curadoria dos processos criativos e do ensino de artes visuais, gerando pesquisas em e sobre artes visuais. Dessa maneira, os três campos de investigação em artes visuais podem investigar e partilhar novos conhecimentos em parceria.

O artógrafo pode buscar compreender o seu objeto de pesquisa a partir da fusão dos campos de conhecimento em artes visuais (teoria, poéticas e ensino), respeitando suas especificidades, encarando a arte como objeto multifacetado e passível de ser absorvido por diversos ângulos de pesquisa. No entanto, não pode deixar de aplicar na sua pesquisa os métodos necessários para que a mesma seja válida enquanto conhecimento acadêmico. Segundo Dias (2010) um bom exemplo disso é a aplicação das regras da Associação Brasileira de Norma e Técnicas (ABNT) ao trabalho acadêmico nas graduações e pós-graduações em artes visuais no Brasil, que visa padronizar e valorizar a produção acadêmica e tornou-se o formato padrão para monografias, dissertações e teses no país.

Mas, seriam mesmo essas regras adequadas para as necessidades específicas de apresentação da produção científica em arte? As formas de apresentação da produção científica em arte deveriam mesmo ser padronizadas tais quais as outras ciências o foram?

A área de artes visuais, a partir de suas especificidades, desafia o campo de pesquisa acadêmica ao propor novas formas de investigar, produzir e apresentar

sua produção científica sem desconsiderar a necessidade do artista em compreender seu processo criativo como investigação, bem como a do educador que constrói conhecimentos também a partir da sua prática educativa.

Referências

IRWIN, Rita L. A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica. In: BARBOSA, Ana Mae e AMARAL, Lílian (Org.) **Interritorialidades**: mídias, contextos e educação. São Paulo: SESC, 2008.

DIAS, Belidson. **Preliminares**: a/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes. Disponível em: http://aaesc.udesc.br/confaeb/Anais/belidson.pdf. Acesso em: 25.04.2014.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michèle. O delineamento da pesquisa qualitativa. In: **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008, p.127-153.

GROUX, Lionel-Henri. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In: **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

LUDWIG, Antonio Carlos Will. **Fundamentos e Prática de Metodologia Científica.** Petrópolis: Vozes, 2009.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Orgs). **O meio como ponto zero**: metodologia em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. Coleção Visualidade; 4.

SPPRINGAY, S.; IRWIN, R. L.; LEGGO, C.; GOUZOUASIS, P. (Orgs.). **Being with**

A/r/tography. Rotterdam: Sense Publishers. 2008.
ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte**: um paralelo entre arte e ciência. Campinas: Autores Associados, 1998 e 2001.

Sites consultados:

http://www.capes.gov.br

Robson Xavier da Costa
Coord. do PPGAV UFPB/UFPE. Doutor em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU UFRN); Mestre em História (PPGH UFPB); Especialista em Educação Especial (UFPB); Licenciado em Artes Visuais (UFPB). Email: robsonxavierufpb@gmail.com.

Maria Betânia e Silva
Coord. do PPGAV UFPE/UFPB. Doutora em Educação (PPGE UFMG); Mestre em Educação (PPGE UFPE); Licenciada em Artes Visuais (UFPE). Email: bet_arte@hotmail.com.